

## IMPACTOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO:

### AS ALTERNATIVAS POSSÍVEIS NO MOMENTO ATUAL

Aliomagno Martins dos Santos<sup>1</sup>  
Gilmara Ferreira da Silva<sup>2</sup>  
Carla Regina Lima de Brito<sup>3</sup>  
Nadjane Guimarães Carneiro de Oliveira<sup>4</sup>  
Paula Betânia de Matos Cordeiro Carneiro<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta um breve panorama sobre os impactos da pandemia do novo coronavírus relacionados à educação. Objetiva-se registrar de forma sucinta e localizada - pois trata-se de um recorte observado em uma escola do semiárido baiano - o período mais crítico vivenciado pela comunidade escolar em alguns aspectos. O percurso adotado foi de revisão bibliográfica sobre educação relacionada à tecnologia e aos novos paradigmas educacionais. Por entrevistas, buscou-se sondar o estado emocional dos envolvidos e associá-los aos estudos recentes. A princípio, narra-se o histórico da pandemia e a seguir, discute-se como a estrutura física e tecnológica das escolas se revelou incapaz de prover o direito à educação aos estudantes. Ademais, desnudou a falta de condições de trabalho para os profissionais da educação, tornando inviável a manutenção das aulas, bem como, lança olhar sobre a parcela estudantil que necessita de assistência especial ou grupos sociais minoritários. Desse modo, foi inevitável trazer a discussão sobre a exclusão digital, fruto da desigualdade social e da falta de investimentos no setor. Por fim e não menos importante, foram observados os efeitos emocionais provocados pelas angústias e incertezas dos envolvidos, condicionados a se adaptarem ao “novo normal” levando supostamente a desconfortos emocionais. Nas considerações finais é produzida uma análise crítica da situação atual da educação e aponta-se para a urgente necessidade de, no âmbito federativo, a transição digital e a democratização do acesso às tecnologias da informação sejam prioridade na agenda política educacional, de forma a contribuir para uma educação capaz de promover igualdade e justiça social na sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Pandemia. Ensino remoto. Tecnologia.

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Educação pela Universidade EBWU; pós-graduado em Linguística Aplicada à Língua Portuguesa pela UNEB; E-mail: [aliomagnomartins@bol.com.br](mailto:aliomagnomartins@bol.com.br).

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade EBWU; especialista e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela UNEB; E-mail: [giltitos@hotmail.com](mailto:giltitos@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade EBWU; Pós-graduada em Política do Planejamento Pedagógico pela UNEB e em Estudos Linguísticos pela UEFS; Email: [crb12@yahoo.com.br](mailto:crb12@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade EBWU; Pós graduada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Facinter. [n\\_ade\\_g@hotmail.com](mailto:n_ade_g@hotmail.com)

<sup>5</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade EBWU; Pós-graduada em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana e em Estudos Literários pelo Instituto Pró-Saber. [beta.mc8@gmail.com](mailto:beta.mc8@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo novo coronavírus provocou um esvaziamento abrupto das salas de aula no Brasil e no mundo. À altura do últimos meses de 2020, grande parte destas continuam vazias e a maioria das instituições públicas não regulamentaram a substituição das atividades presenciais pelas remotas ou outras alternativas. Desse modo, o presente trabalho apresenta uma breve discussão em torno dos impactos que a pandemia provocou na área educacional buscando compreender o cenário, suscitando reflexões sobre as alternativas que foram disponibilizadas, tanto no nível macro (Estadual) como no micro (Escolas) para reduzir os danos provocados por todo esse contexto.

Essa produção nasce, a priori, a partir do desejo de se registrar um momento inusitado que certamente entrou para a história da humanidade com consequências ainda não mensuradas para os mais diversos setores sociais, inclusive para a educação. Nessa perspectiva, este trabalho é fruto da observação, estudos e intervenções de cinco professores da educação básica da Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia que, como todo o resto do mundo, testemunharam na prática, as imposições, restrições, isolamentos e prejuízos diversos provocados pela pandemia.

Esse registro poderá contribuir para a conscientização sobre os papéis sociais que cabem a cada um dos envolvidos para a consolidação de uma educação pública de qualidade, que atenda às demandas de uma sociedade cada vez mais diversa e complexa. Ademais, o registro dessas impressões serão eternizadas a serviço da posteridade.

## 2. CONTEXTUANDO A PANDEMIA

Atualmente o mundo convive com uma doença infecciosa e que atinge a milhares de pessoas. As autoridades científicas confirmaram se tratar de um novo tipo de coronavírus sendo denominado de SARS-CoV-2. A pandemia provocada pela enfermidade denominada Covid-19 surgiu no final de 2019 em Wuhan, na China.

Assim, a Organização Mundial de Saúde emitiu alerta de emergência de Saúde Pública em âmbito internacional em 11 de março de 2020, quando a situação é considerada oficialmente como uma pandemia, pois o vírus que já havia atingido vários

países asiáticos e europeus, chegando à África, Oceania e às Américas. Constatou-se que

Os números relacionados à pandemia de COVID-19 são, cada vez mais, alarmantes, com dimensões globais. Em 17 de abril de 2020 já eram 2.074.529 casos no mundo, (...). No Brasil, na mesma data, eram 28.320 casos, em que pese haver subnotificação, assim como em todo mundo, pela não testagem da totalidade dos sintomáticos. ( SOUZA, 2020)

O autor tenta demonstrar com os dados coletados a triste informação de que muitas vidas se perderam vítimas da COVID-19. Não se tem uma segurança científica sobre essa pandemia, sabe-se que a sua capacidade de disseminação é alta e encontra o agravante em países com altas desigualdades sociais. Assim,

A epidemia de COVID-19 encontra a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego e cortes profundos nas políticas sociais. Ao longo dos últimos anos, especialmente após a aprovação da *Emenda Constitucional nº 95*, que impõe radical teto de gastos públicos e com as políticas econômicas implantadas pelo atual governo, há um crescente e intenso estrangulamento dos investimentos em saúde e pesquisa no Brasil. (WERNECK E CARVALHO, 2020 )

Segundo o noticiário veiculado nas diversas mídias, desde que a pandemia do Covid-19 se instalou no mundo, 1,5 bilhão de alunos e 60,3 milhões de professores de 165 países foram afastados das atividades presenciais em vários países. No Brasil, os governos estaduais e municipais optaram pelo fechamento total das instituições educacionais com o objetivo de reduzir o contágio evitar que o sistema de saúde entrasse em colapso e vidas fossem ao máximo preservadas.

O prejuízo é incalculável para todas as esferas da sociedade. Na Rede Estadual de ensino da Bahia, o governo já nos primeiros momentos desta pandemia instituiu decretos de suspensão das aulas. Até o momento, ainda busca soluções, juntamente com uma equipe especializada e multidisciplinar, para averiguar qual o melhor meio de retorno às aulas dentro deste contexto complexo referido.

O Conselho Estadual de Educação da Bahia, órgão responsável por normatizar as atividades remotas no período da pandemia, tornou público a relação de instituições que aderiram ao Regime Especial proposto pela Resolução CEE/BA Nº27 de 25 de março de 2020. São contempladas 762 instituições da educação básica e profissional. No entanto, nesse processo, mesmo havendo o aparato legal para não interrupção do ano letivo, a

realidade na rede pública da Bahia é muito complexa, pois demonstra quão notória é a situação de exclusão digital tanto do aluno quanto de uma parte significativa dos professores da rede pública estadual.

Contudo, até o momento não foi divulgada em definitivo a resolução quanto ao retorno das aulas. O intuito é manter a responsabilidade de prezar pela saúde dos cidadãos baianos, o que faz optar pelo isolamento social. Desta forma, urge repensar as propostas de implantação da educação remota, provendo inclusive, as condições para que os alunos tenham acesso.

## **2.1. O ACESSO À EDUCAÇÃO: CATEGORIAS VULNERÁVEIS**

Ao chegar ao Brasil, o inimigo invisível desmascara a vulnerabilidade de um sistema de educação plural, ineficiente e que reproduz as desigualdades existentes no país. Diversos efeitos negativos corroboram com tal ideia, seja a interrupção do processo de ensino-aprendizagem à desrupção completa na vida dos pais ou responsáveis. Além disso, a falta de acesso à merenda escolar e aos recursos tecnológicos escancaram a realidade distinta de uma nação, que não consegue garantir o direito à Educação, conforme assegura o artigo 205 da Constituição Federal de 1988.

Nesse contexto desafiador emerge mais uma necessidade: suprir as demandas de ensino e aprendizagem dos alunos da rede pública da Educação Especial matriculados nas classes regulares de ensino básico, fazendo parte da Educação Inclusiva, de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). Assim, questiona-se: como faz um aluno surdo para entender o que diz o professor em vídeo se não lhe possibilita uma tradução para a Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Quanto ao aluno autista, existe a dificuldade em assistir vídeo-aulas, manter a concentração que é prejudicada pelas interferências e barulhos. Logo, a aprendizagem que já apresenta limitações, fica totalmente comprometida.

Além da Educação Especial, os alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) também têm sua situação como estudantes, prejudicada. Sem contar que já vem passando por falta de investimento, desde o fato de não aparecer na BNCC, até fechamento de diversas turmas em todo o país. Desse modo, essa negação do direito à educação revela a precariedade de oportunidades para adultos e jovens que perpetuarão a exclusão social e

a reprodução das mazelas já existentes. Ademais, a invisibilidade de alunos de origem indígena e afrodescendentes no país também revela a limitação de acesso às políticas públicas, a falta de acesso à tecnologia, como computadores e celulares, internet, bem como a falta de formação docente para atuarem nesse período.

Além das perdas em relação à aprendizagem supracitadas, outro fator que preocupa educadores e órgãos afins, é a evasão escolar, um velho problema crônico, com custo humano, social e econômico elevado para o Brasil. A sensação de insegurança e a quebra de perspectivas originadas por motivações diversas, afetará diretamente o recomeço para uma considerada parcela de estudantes no período pós-pandemia.

## **2.2. OS ENTRAVES TECNOLÓGICOS**

A deficiência da educação pública já discutida anteriormente foi escancarada da forma mais cruel nesse momento de isolamento social e a igualdade de direitos de estudantes foi colocada à prova. O uso das tecnologias educacionais pode trazer intensos benefícios para o ensino, viabilizando inclusive, o remoto. Contudo, a realidade tem revelado faces avessas desse caminho tecnológico como alternativa para dinamizar as práticas pedagógicas, até então, totalmente presenciais.

A desigualdade social é o empecilho para o acesso à tecnologia. Esta, mostra-se nesse momento, como espinha dorsal da educação pois a qualidade e a (de) eficiência das escolas em relação a esse uso é gritante. Os estudantes cujas famílias não podem prover aparatos e serviços tecnológicos, é bom exemplo dessa realidade. Tal problema se efetiva por diversos motivos: segundo dados do IBGE, apenas 57% da população do país possui acesso a um computador em condições de executar softwares mais recentes. Um outro estudo de 2018, realizado pela Pesquisa TIC Domicílio, afirma que mais de 30% dos lares brasileiros não possui acesso à internet, uma vez que esta é fulcral para a viabilidade das aulas remotas.

Faces reveladas, faz-se necessário refletir sobre o papel do professor diante dessa nova realidade. É importante questionar se a formação continuada contempla o treinamento para o uso das tecnologias a favor da educação. A infraestrutura das escolas públicas são adequadas tecnologicamente? Os estudantes estão preparados e dispostos a

aprenderem diferentemente daquela forma a que estavam acostumados e têm maturidade suficiente para uma certa autonomia diante do ensino aprendizagem?

A pandemia serviu de alerta à sociedade ainda mais para esse e tantos outros problemas que perpassam a educação pública brasileira. Faz-se necessário empreender esforços de todos os segmentos, especialmente o governamental, pois somente assim, poderá se reverter o quadro atual e a qualidade educacional superar as desigualdades alcançando a equidade, tão disseminada na educação, fazendo valer seu real significado.

### **2.3 AFETIVIDADE: AS EMOÇÕES REVELADAS**

Neste ano de 2020, a percepção das conexões do local com o global foi marcado por uma situação social totalmente nova: notícias de um vírus fatal atingiu o mundo, e com ele, além do iminente risco real de comprometimento da saúde física, outra realidade se impôs, aprender a viver em isolamento social. As emoções foram diretamente afetadas, e segundo Woyciekoski e Hutz (2009, p.5) “elas podem causar importantes impactos no bem-estar subjetivo das pessoas, na saúde física e mental, nas interações sociais, além de influenciar a capacidade de resolução de problemas”. Esse perfil de educação é defendido por Freire ao afirmar que,

jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p. 146)

E é enfatizada por Goleman e, apesar de ele direcionar para a educação de crianças, é perfeitamente viável que aconteça em todas as etapas do ensino fundamental, a alfabetização emocional, pois ela

amplia nossa visão acerca do que é a escola, explicitando-a como um agente da sociedade encarregado de constatar se as crianças estão obtendo os ensinamentos essenciais para a vida – isto significa um retorno ao papel da educação. Esse projeto maior exige, além de qualquer coisa específica no currículo, o aproveitamento das oportunidades, dentro e fora das salas de aula, para ajudar os alunos a transformar momentos de crise pessoal em lições de competência emocional. (Goleman, 2001, p. 294)

Essa necessidade de uma educação para a vida ficou evidente no atual cenário. A escola tem encontrado formas de estabelecer conexões intersubjetivas com seus alunos a fim de auxiliá-los no fortalecimento emocional, ou será que o emocional dos alunos não diz respeito a escola? As práticas educativas têm dado conta das demandas do sujeito aluno?

Para responder a estas questões, e para compreender como andam as emoções no contexto da pandemia e se as ações realizadas na escola exerceram influências sobre elas, foi realizada uma pesquisa de campo com alunos do 1º, 2º anos do Ensino Médio e da EJA VI, Tempo Formativo III, e alguns professores do Colégio Estadual Olavo Alves Pinto, da cidade de Retirolândia-BA. Participaram seis professores e professoras e 28 alunos e alunas.

Neste período de distanciamento social a escola promoveu algumas ações para promover o fortalecimento emocional e manter o vínculo entre professores e alunos, a exemplo de uma transmissão em tempo real - popularmente conhecida como *live* - com a participação da psicóloga Yara Nancy, transmitida pela rede social Instagram. Além disso, foi ofertada uma oficina *on-line*, com o psicólogo Leonam Castro, com o tema "Viver é a Melhor Opção", veiculada pelo aplicativo de vídeo- chamadas *google meet*. Foram ações promovidas pelo Núcleo Territorial de Educação 04 (NTE / 04), que compreende o Território do Sisal – Estado da Bahia e divulgadas pela escola.

Ao serem questionados se participaram e se as ações foram significativas para o fortalecimento da emoções, 100% dos professores responderam que participaram e que foi bastante significativa. Do total de alunos participantes da pesquisa, estavam presentes na oficina apenas 28,6%. Ambos foram questionados se as atividades ajudaram a viver melhor este momento. Assim, 32% alunos responderam sim, 28,6% afirmaram que não e 39,3% foram imparciais. Com relação à *live*, 53,6% dos alunos pesquisados disseram ter participado. Destes, 50% disseram que foi bastante proveitosa, enquanto que 19,7% afirmaram que não contribuiu e 32,1% responderam de forma neutra. Desta forma, percebemos que as ações aplicadas surtiram um efeito mais positivo sobre os professores, possivelmente por conta da maturidade. E entre os alunos, a *live*, provavelmente por haver uma menor exposição visual do participante, foi avaliada mais positivamente do que a oficina.

Com estas ações, a escola se mostrou hábil a lidar com a crise, indo além do enfoque conteudista, envolvendo-se diretamente na questão social, histórica e humana, demonstrando que, de fato,

"[...] faz parte da tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo." E anunciou a autonomia, mediante a liberdade, o respeito e o diálogo, como capazes de promoverem e instaurarem a ética universal do ser humano. (FREIRE, 1996, p. 26-27)

Na pesquisa, os professores demonstraram confiança para adaptarem-se ao “novo normal”, e acreditam que a acolhida aos alunos de dará com diálogo, escuta sensível de suas angústias e ansiedades, tentando amenizar as preocupações a partir de palavras de ânimo, esperança e otimismo, fazendo-os entender que este tempo vai passar e a rotina escolar será reestabelecida, certamente adaptada às mudanças geradas por esta experiência. Entretanto,

O grande rebote emocional dessa pandemia vai vir ao longo dos meses e anos. Temos muito trabalho, na área da saúde mental, para lidar com dores e lutos quando eles forem descongelados. As experiências traumáticas que a gente está vivendo agora só poderão ser processadas daqui a muito tempo. (XAVIER, 2020, p. 33)

Logo, é imprescindível que a escola, encontre espaço no currículo para abordar a inteligência emocional. Esta que gera



sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção; e a capacidade de controlar emoções reflexivamente, de modo a promover o crescimento emocional e intelectual” (SALOVEY E SLUYTER, 1999, p. 39).

Esta habilidade, subsidia as pessoas a lidarem de forma criativa com o imprevisto, imprevisível e o novo. Sendo assim, a escola, na sua configuração moderna, mas com raízes tradicionais, viverá o desafio de superar a si mesma, pois lhe é solicitado o desenvolvimento de competências não só cognitivas, mas também emocionais e afetivas em todos que dela fazem parte, estimulando-os a serem flexíveis e a encontrarem soluções para problemas com os quais se depararão ao longo da vida.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não possui intenção nem capacidade de associar seus resultados ao quadro da educação nas esferas estadual e tampouco, federal. Trata-se de um estudo intimista mas que não contraria os números e os fatos tanto qualitativos como quantitativos a que se tem conhecimento. Como em todo o país, constatou-se até o momento, o não retorno das aulas presenciais, bem como a falta de iniciativas para prover as deficiências que porventura eram os obstáculos para a continuidade das mesmas, como a viabilização dos meios tecnológicos e de rede de internet para os estudantes e a formação continuada dos profissionais da educação. Assim, percebe-se que haverá uma inevitável evasão dos estudantes e acentuada pela exclusão digital, aumentando a desigualdade social no país e perpetuando um déficit de aprendizagem ainda maior.

Desse modo, chega-se à conclusão de que se faz necessário que a educação formal, por meio das políticas públicas, elabore ações concretas de melhorias estruturais, a fim de situar a educação no tempo em que ela está inserida. Urge que investimentos sérios e tecnologias da informação e formação continuada para os profissionais sejam priorizadas. O período pós- pandemia exigirá uma quebra de paradigmas e será um divisor de águas para que a educação atinja o indivíduo de forma global. Como constatado nessa breve discussão, a inteligência emocional, já amplamente difundida precisa ser incluída na parte diversificada do currículo. O protagonismo estudantil deve ser incentivado para promover a autoajuda e o cuidado com o outro, com vistas ao fortalecimento de vínculos afetivos.

Sempre é reverberado na sociedade que a educação é o futuro da nação. Espera-se, portanto, que professores e os alunos da escola pública não sejam deixados à própria sorte. Para reduzir a vulnerabilidade escolar, é mister que ações sejam verdadeiramente intersetoriais com Secretarias, Ministério da Saúde, Ministério da Educação e normas sanitárias andando de mãos juntas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA. Governo do estado. Secretaria da Saúde: **Boletim Coronavírus**. Disponível em <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/10/06/bahia-registra-2-142-casos-de-covid-19-nas-ultimas-24-horas/>>. Acesso em: 06 de outubro de 2020.

BARBOSA, Cláudia Maria Arôso Mendes. A aprendizagem mediada por TIC: interação e cognição em perspectiva. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 11, p. 83-100, set. 2012

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOLEMAN. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. 45. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão**. Brasília, DF, 2015. <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)> Acesso em: 04/10/2020

SALOVEY, Peter; SLUYTER, David J. (org.). **Inteligência emocional da criança**. Rio de Janeiro : Campus, 1999.

SOUZA, Diego de Oliveira. **A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social**. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020006702469&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702469&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 05 de outubro de 2020.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá .**A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada**. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2020000500101&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000500101&tlng=pt)>. Acesso em 06 de outubro de 2020

WOYCIEKOSKI , Carla; HUTZ, **Claudio Simon**. Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. In: *Psicologia Reflexão e Crítica*. vol.22 no.1 Porto Alegre 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0102-7972&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-7972&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04/10/2020

XAVIER, Alessandra. **O grande desafio da pandemia é emocional, ético e social**. RADIS: Comunicação e Saúde, n.213, p.32-33, 2020. Entrevista realizada por Luiz Felipe Stevanim.